

**A REPRESENTAÇÃO DE MULHERES NEGRAS E MARGINALIZADAS NA OBRA  
OLHOS D'ÁGUA, DE CONCEIÇÃO EVARISTO  
THE REPRESENTATION OF BLACK AND MARGINALIZED WOMEN IN THE WORK  
OLHOS D'ÁGUA, BY CONCEIÇÃO EVARISTO**

Ana Laura Dantas Reis (SEMED/CAREIRO)<sup>1</sup>

Keyla Cirqueira Cardoso Nunes (UEA)<sup>2</sup>

**RESUMO:** As constantes lutas das mulheres e a ruptura com preconceitos estão revelando avanços e trazendo novas abordagens no âmbito da literatura. Desse modo, se faz necessário investigar as temáticas trazidas por Conceição Evaristo no que diz respeito a verificação de como se dá a representação de personagens negras no livro Olhos D'água. Esta pesquisa busca também refletir acerca da identidade e representatividade de personagens negros na literatura afro-brasileira, trazendo à luz as mazelas com que autoras e personagens são retratados no meio literário. Para tanto, se fará um breve panorama da representação das personagens negras na literatura brasileira, analisando a produção de Conceição Evaristo em um cenário da literatura produzida por homens brancos. Além disso, será feita uma análise comparativa de um conto, observando a representatividade das personagens no contexto social em que são inseridas, desvelando os traços físicos e psicológicos, bem como o espaço social em que estão inseridas e a linguagem literária que dá forma ao perfil dessas personagens. Desse modo, o desenvolvimento desta pesquisa ancorou-se teoricamente nos estudos de autores, como: Santos e Wielewick (2003), Monteiro (2016), Duarte (2013), Dalcastagné (2015), dentre outros. Portanto, consideramos de grande valia trazer para este espaço de discussão a figura da mulher negra, principalmente, como se formata sua representatividade na literatura produzida por Conceição Evaristo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Personagens negras. Representatividade. Conceição Evaristo.

**ABSTRACT:** The constant struggles of women and the break with prejudice are revealing advances and bringing new approaches to literature. It is therefore necessary to investigate the themes brought up by Conceição Evaristo in order to see how black characters are represented in the book Olhos D'água. This research also seeks to reflect on the identity and representativeness of black characters in Afro-Brazilian literature, bringing to light the problems with which authors and characters are portrayed in the literary world. To this end, a brief overview will be given of the representation of black characters in Brazilian literature, analyzing Conceição Evaristo's production against a backdrop of literature produced by white men. In addition, a comparative analysis will be made of a short story, observing the representativeness of the characters in the social context in which they are inserted, revealing their physical and psychological traits, as well as the social space in which they are inserted and the literary language that shapes the profile of these characters. Thus, the development of this research was theoretically anchored in the studies of authors such as Santos and Wielewick (2003), Monteiro (2016), Duarte (2013), Dalcastagné (2015), among others. Therefore, we consider it of great value to bring the figure of the black woman to this discussion space, especially how her representation is shaped in the literature produced by Conceição Evaristo.

---

<sup>1</sup> Docente da Secretaria Municipal de Educação de Careiro SEMED, especialista em Literatura Contemporânea, licenciado em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas. UEA. E-mail [laurardantas7@gmail.com](mailto:laurardantas7@gmail.com)

<sup>2</sup> Docente da Universidade do Estado do Amazonas. UEA. Mestra em Estudos Literários pela Universidade Federal do Amazonas UFAM. E-mail: [knunes@uea.edu.br](mailto:knunes@uea.edu.br)

**KEYWORDS:** Literature. Black characters. Representativeness. Conceição Evaristo.

## **INTRODUÇÃO**

Diante das constantes lutas pela igualdade das mulheres na sociedade, e a luta contra o preconceito, é possível criar um paralelo com momentos históricos trazidos na literatura. Autoras, como Conceição Evaristo, abordam a representação da mulher negra, tendo como principal espaço dessa construção a literatura. Assim, na busca de uma representatividade e identidade, a autora cria um espaço onde a voz de mulheres negras marginalizadas possam chegar em todas as esferas do mundo literário.

Para tanto, esta proposta produz um quadro histórico constando um percurso cronológico da representação das personagens negras na literatura brasileira. Também, é feito um levantamento acerca da produção literária de Evaristo e seu apagamento do cânone literário. A partir desse estudo, elegemos um conto (*Ana Davenga*) a fim de analisar características intrínsecas e extrínsecas da narrativa.

Esta pesquisa busca analisar como as mulheres negras são representadas na literatura, especialmente, na obra *Olhos d'água* de Conceição Evaristo. Além disso, constrói um panorama da configuração das personagens negras na literatura, investigando acerca da produção literária de Conceição Evaristo e da representação das mulheres negras e marginalizadas em seu livro. Esta proposta faz também brevemente reflexões sobre a literatura de autoria feminina na tentativa de mostrar a inserção da produção literária de Evaristo no cenário da literatura brasileira majoritariamente produzida por homens brancos.

## **1 - UM BREVE PANORAMA DA REPRESENTAÇÃO DE PERSONAGENS NEGROS NA LITERATURA BRASILEIRA**

No início do século XX, pairava a ideia de que havia uma democracia racial, ou seja, a miscigenação brasileira, resultado da mistura das raças brancas, negra e índia, era fruto de um processo harmônico e sem conflitos. Um exemplo dessa questão, podemos citar com a obra *Casa grande e senzala* (1930), do historiador Gilberto Freire, em que o autor naturaliza a ideia de cativo, mostrando um cenário bastante idealizado para a escravidão brasileira. Neste livro, a imagem do negro é mostrada como escravo fiel, amigo e que está sob cuidados de um senhor severo, mas paternal, configurando a ideia de que a escravidão era boa.

Tal cenário nos leva a entender que quando um personagem negro é contemplado nas narrativas literárias, ele será configurado como um negro, escravo, pobre e sem cultura, sempre

marginalizado e sofrendo preconceitos, sendo excluídos da literatura como personagens principais. Isso só confirma que a representação literária se alimenta continuamente da realidade da sociedade em que vivemos.

Os personagens negros inseridos em textos literários resumem-se em coadjuvantes ou até mesmo em meros figurantes que exercem seus papéis verossímil a realidade. Seja um entregador de cartas, uma aia, ou até mesmo um lavrador, as personagens negras vivem em obras tudo aquilo que observamos em nossa realidade ou da qual a obra que o retrata foi escrita. A desigualdade e o preconceito atravessam as fronteiras da realidade e recaem sobre a literatura, não da forma crítica, mas como mero segmento e perpetuação de um pensamento racista e preconceituoso para que assim perpetuem o pensamento de uma classe dominante.

Então, tanto o personagem negro quanto o autor negro não são reconhecidos no meio literário, sofrendo seus preconceitos e sendo marginalizados pela própria sociedade em que vive e, ainda, sendo excluídas as oportunidades e vistos como minoria. Conforme Santos e Wielewicki (2009, p. 343), ao citar Risério, sinalizam que se até mesmo o escritor branco tinha receio da discriminação social e literária, o que dirá do escritor que fosse negro.

Duarte (2013), em um ensaio intitulado *O negro na literatura brasileira*, cita que, a ausência de personagens negros na literatura está relacionada ao seu passado histórico, tornando-se o negro muitas vezes presente no meio literário apenas como tema, do que mesmo como personagem principal. O autor reitera, ainda, que a literatura brasileira se caracteriza como uma literatura branca, em que é deixado de fora tanto autores negros quanto personagens, por não se enquadrarem nos padrões de qualidade ou até mesmo nos estilos de época. Duarte reitera que:

Examinados os manuais – componente significativo dos mecanismos estabelecidos de canonização literária -, verifica-se a quase completa ausência de autores negros, fato que não apenas configura nossa literatura como branca, mas aponta igualmente para critérios críticos pautados por um formalismo de base eurocêntrica que deixa de fora experiências e vozes dissonantes (Duarte, 2013, p. 146).

O personagem negro exerce na literatura brasileira o menor lugar, por exemplo, no caso de personagens homens ele sempre é posto como um vilão, bandido e etc. essa exclusão do personagem negro se dá desde as primeiras produções literárias. Ademais, quando os autores escreviam sobre as mulheres negras, eles construía uma imagem conforme as suas imagens sociais estabelecidas, ou seja, as negras eram retratadas nos textos literários como objetos de sexo e sensualidade. Desta forma, esse imaginário social corrompido de preconceitos se dá continuidade entre as produções literárias.

De tal modo, no final século XX, a literatura brasileira é marcada pelo grande desaparecimento de personagens negros e o embranquecimento dos mesmos, para dá espaço a personagens brancos, assim também, como os autores.

Ainda Duarte, 2013, explicita o lugar do negro tendo a sua autoria negra dentro da literatura, dando o reconhecimento de um determinado segmento da sociedade, por meio da identidade afro, que se faz presente em nossa vida literária. Constituindo-se aos poucos a comunidade afro brasileira, podendo afirmar o encontro de suas particularidades e princípios próprios, e que o afro recebe uma profundidade emocional e crítica, dentro de uma visão específica que transporta essa aproximação do negro na poesia ou na ficção. O que permite a elaboração de temas distintos da literatura canônica.

Evaristo (2009), em *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* aponta que o autor negro ao construir seus personagens e histórias modifica-os, discordando do que é previsto pela literatura canônica.

Quando os personagens negros são descritos na literatura afro-brasileira são retratados sem a exclusão de sua identidade étnica, sendo valorizados por suas heranças culturais. Essa concepção da valorização do negro como personagem, difere dos modos de como os negros são citados na literatura brasileira, de modo geral.

Autor como Gregório de Matos (1969) exaltava a sensualidade e sexualidade das mulheres negras mulatas e ao mesmo tempo as menosprezava, usando também, o homem mulato como alvo de insulto, expondo-o como imitador do branco. Ainda menciona uma grande insatisfação em ao número crescente dos mestiços que são filhos de brancos e negros, caracterizando-os de mulatos desavergonhados os quais ocupavam uma classe social mediana. Padre Antônio Vieira, também, ao dirigir-se aos escravos em “Sermão de Nossa Senhora do Rosário”, percebe-se de que eles ao escravizar o corpo tornavam-se vítimas, sem liberdade de escolha. Se por um lado Gregório de Matos causa escárnio poético ao negro, Padre Antônio Vieira serve como apascentador de rebanhos.

Evaristo (2009, p. 22), ao citar Casimiro Lopes, comenta que o personagem negro do Romance *São Bernardo* (1934), de autoria de Graciliano Ramos, era um escravo fiel, gago, possuidor de um vocabulário desprezível, tendo aprendido termos com as pessoas, sendo um empregado de comportamento calmo. Evaristo (2009) reitera que outro personagem que tem negação de linguagem para os negros, encontra-se em *A grande arte* (1990) de Rubens Fonseca. Em que o personagem *Zaquai*, utiliza os estereótipos da linguagem branca em sua fala, deixando de lado a linguagem negra.

Evaristo (2009, p. 23) citando Josué Montello no romance *Os tambores de São Luiz* (1981), aparece um personagem narrador negro no final de sua narrativa, experimentando a miscigenação familiar, tendo surgido em seu seio um moreno claro, tipicamente brasileiro, vindo de trezentos anos de escravidão no Brasil.

O homem branco demonstra sua necessidade de hegemonia diante da existência, em seu meio, de negros e negras que em sua vontade de liberdade e reconhecimento, são obscurecidos pela vontade perene de negar a existência da personagem negra na literatura. Muitas dessas personagens são mulheres negras na condição de marginalizadas, sendo consideradas vulgares, especialmente por seus traços sexuais. Nesse sentido, Duarte (2009, p. 23) argumenta que

O modo como a ficção revela, com mais intensidade, o desejo da sociedade brasileira de apagar ou ignorar a forte presença dos povos africanos e seus descendentes na formação nacional, se dê nas formas de representação da mulher negra no interior do discurso literário (Evaristo, 2009, p. 23).

Esse discurso também é reiterado na pesquisa de Regina Dalcastagné (2005). Esta pontua que nos últimos 15 anos as mulheres não chegaram nem a 30% de seus livros publicados, nem mesmo são representadas como personagens centrais. Segundo a pesquisa de Dalcastagné (2005) 40% dos personagens na literatura são do sexo feminino, e são descartadas como narradoras.

Regina Dalcastagné aponta que, quando a obra é escrita por uma autora mulher 52% de suas personagens são do sexo feminino, e cerca de 76,6% delas são narradoras e protagonistas. No entanto, esse percentual se difere quando são descritas e citadas nas obras de autores, sofrendo assim a exclusão da participação da mulher como personagem. Nas obras dos autores, 32% são mulheres, 13,8% delas são protagonistas e 16% apresentadas como narradoras, ou seja, a presença da mulher como personagem central se limita nas obras de autores homens. Muitas dessas personagens são caracterizadas por sua beleza e juventude, são menos escolarizadas e muitas delas dependem dos homens.

Nota-se ainda uma diferença ainda maior quando se trata da representação da mulher negra como personagem. Ainda nessa pesquisa, 79,8% das personagens são brancas; negras, mestiças, orientais e indígenas não chegam a 16%. De 1245 personagens que entram em análise para estudos, 6% são negras, e apenas uma delas exerce o papel de narradora. As personagens negras que são retratadas por autores e autoras brancos estão sempre em lugares inferiores de um personagem branco, muitas vezes pelas obras serem curtas não chegam a aparecer nos textos. Essa pesquisa nos mostra, como as personagens negras são excluídas das narrativas literárias.

Cuti (2010) comenta sobre uma negação complexa e humana sobre as descendências escravas, sendo que a utilização desses ocorre em uma literária predominante do preconceito. Os povos africanos escravizados, incluindo seus descendentes, foram reduzidos pela escravização, impedindo as personagens negras das relações sociais e até mesmo a sua própria existência. Seguindo esse contexto, Cuti (2010, p. 35) também cita que “a evolução do negro no plano ficcional só pode ocorrer no sentido de se tornar branco, pois a afro-brasilidade pode sobreviver sem o negro, ou seja, não ser vítima da discriminação racial ou, até ser um discriminador”. Dessa maneira, a discriminação na brasilidade africana, interpretada aqui, demonstra que os autores negros, ao assumirem a negritude textual de suas obras, acabam sendo deixados de lado da literatura brasileira.

## **2 - CONCEIÇÃO EVARISTO NO CENÁRIO DA LITERATURA PRODUZIDA POR HOMENS BRANCOS**

A representação da mulher negra na literatura se faz através da construção da imaginação dos autores brancos. As autoras negras serviram como um processo de construção histórica na literatura afro-brasileira. Falar sobre literatura de autoria negra, entra em discursão vertentes importantes como as das próprias negras que produzem literatura, e reescrevem ao mesmo tempo suas histórias, assim também, como a busca da representatividade no seu espaço literário.

Diante disso, Monteiro (2016), ao citar Schmidt e Navarro, comenta que a cultura literária constitui parte integrante do campo cultural e seu desenvolvimento foi, até há pouco tempo, regulado e controlado ideologicamente pela hegemonia patriarcal e seus pressupostos sobre diferenças assimétricas e hierárquicas de gênero, o que significa dizer que as mulheres que atuaram, no passado, no campo das letras, ficaram à margem da literatura, esquecidas e silenciadas nas histórias literárias.

Assim, a participação do sexo feminino na literatura sofreu negação por muitos anos no cânone literário. As mulheres eram vítimas de uma sociedade patriarcalista, onde homens eram vistos como os verdadeiros dominantes da literatura brasileira. Dessa feita, Schmidt e Navarro ao serem citadas por Monteiro (2016) afirmam que “a negação da legitimidade cultural da mulher, como sujeito do discurso exercendo funções de significação e representação foi, no contexto dessas literaturas, uma realidade que perdurou até, mais ou menos, a década de 1970”

No entanto, a partir do ano de 1970, passou-se a divulgação da participação da mulher negra na literatura, como também escritores negros. Com o objetivo de conquistar sua representação e uma imagem positiva, diferente da imagem trazida por escritores brancos.

Nesse contexto, as mulheres começam suas lutas em movimentos para expressar suas dores, por meio de seus textos poéticos, passando assim, a serem vistas como escritoras negras. A mulher negra, passa então, a ser apresentada e representada nos textos literários como autora e produtora do seu próprio discurso.

Diante desse cenário, destaca-se a escritora Maria da Conceição Evaristo de Brito, que luta pela representação e legitimidade de suas obras no meio literário. A autora nasceu no dia 29 de dezembro de 1946, filha de uma lavadeira, Conceição viveu parte de sua vida em uma favela na zona sul de Belo Horizonte. Graduada em Letras pela UFRJ, é uma das principais personagens da Literatura Brasileira e afro-brasileira da atualidade, sendo internacionalmente reconhecida por seus livros traduzidos em vários idiomas.

Escritora negra brasileira que traz em seu texto o sofrimento de mulheres negras, pobres que buscavam reivindicar sua posição diante uma sociedade escravocrata. Evaristo é o que Monteiro (2016) chama de “herança de tantas outras ancestrais” o que demonstra a representatividade que as escritoras afro-brasileiras trazem dentre tantas outras que foram privadas de expandir e de terem o devido reconhecimento.

No ano de 1980, Evaristo inicia sua participação no Quilombhoje, grupo responsável pelas publicações feitas em Cadernos Negros. Mas foi em 1990 que Conceição deu início na sua carreira na literatura publicando suas obras em Cadernos Negros. Sua primeira obra publicada e internacionalmente reconhecida foi *Ponciá Vicêncio*, em 2003. Nesse romance, a autora reflete acerca da desigualdade de gênero e raça na sociedade, retoma relatos de sofrimento da raça negra, suas riquezas e seus preceitos. Tendo sua narrativa não linear, o livro *Ponciá Vicêncio (2003)* é marcado pela mistura de um passado e presente. Por isso, a obra ganhou forte reconhecimento sendo inclusa nos estudos para vestibulares.

Após três anos, a autora publica *Becos de Memória*, livro que traz temáticas com a mesma dramaticidade de sua primeira obra. Em *Becos de Memória (2006)*, Evaristo retrata sobre a dificuldade humana em enfrentar em seu cotidiano o preconceito, a fome, e a miséria. A autora exprime o desamparo e questões sociais que a sociedade afro-brasileira passa. Busca também a representação da imagem feminina como uso de resistência dessa discriminação enfrentada dia a dia.

Em 2011, a autora publica *Insubmissas lágrimas de mulheres*, livro dividido por 13 contos, com personagens negras exprimindo suas dores e fazendo relação entre o gênero no contexto social. No ano de 2014, Conceição Evaristo lança o livro *Olhos D'água* contendo 15 contos marcantes, com a presença da afrodescendência. Os contos desse livro retratam assuntos como a desigualdade social, assim como a violência vivenciada pelas mulheres negras. Como

em suas demais obras, Evaristo narra o dia a dia de mulheres que sofrem com a miséria, mulheres negras e faveladas que acabam sendo vítimas de uma sociedade racista e preconceituosa.

Essa obra ganha o prêmio Jabuti na categoria contos em 2015, pois aborda temas contemporâneos e sociais, como, a homossexualidade, a desigualdade social, preconceito racial, miséria, trazendo o cotidiano de mulheres negras, pobres e faveladas, explanando também a infância e a sexualidade. O livro apresenta uma linguagem de fácil entendimento e culta, apresentando o brutalismo poético. A voz feminina negra está sempre presente nos contos, onde o narrador está entre a 3º e a 1º pessoa, relatando as suas experiências vividas.

O primeiro conto da obra tem por título *Olhos d'água*. Este relata a história de uma mãe negra que não mede esforços para cuidar de suas filhas. É narrado por uma de suas filhas, em que a mesma constrói uma lembrança de sua infância, porém, intriga-se pelo fato de suas lembranças serem coincidente com a sua própria vivência.

Dalcastagné (2015), em *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* (2015), comenta que os autores negros contemporâneos lutam por reconhecimento e espaço na literatura, em busca de legitimidade de seu discurso e questões éticas. Como o meio literário é um lugar de disputa, muitos autores contemporâneos não conseguem alcançar seu total reconhecimento, pois o campo literário ainda é homogêneo. Dalcastagné cita que:

O silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a eles, vozes que buscam falar *em nome* deles, mas também, por vozes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes. Mesmo no último caso, tensões significativas se estabelecem: entre a "autenticidade" do depoimento e a legitimidade (socialmente construída) da obra de arte literária, entre a voz autoral e a representatividade de grupo e até entre o elitismo próprio do campo literário e a necessidade de democratização da produção artística (Dalcastagné, 2015, p. 17)

Portanto, para legitimar autoras como Conceição Evaristo, é necessário buscar suas obras como objetos de análise, buscando métodos para desclassificar o julgamento sobre a obra e dar autenticidade a literatura negra, que é um merecimento justo dentro do teor literário brasileiro, pois fazem parte de uma nação que foi, é e será sempre construída pela miscigenação e não apenas pela cor alva da pele de alguns.

### **3 PERSONAGENS NEGRAS E MARGINALIZADAS EM OLHOS D'ÁGUA**

Os contos apresentados no livro *Olhos d'Água*, apresenta o cotidiano de negras, pobre e faveladas, que tem suas vidas marcadas pela desigualdade social. Essas mulheres sofrem preconceito, são exclusas e violentadas. Segundo Cuti (2010, p. 25)



A forma em que o autor negro emprega em seus textos para romper com o preconceito existente na produção textual de autores brancos é fazer do próprio preconceito e da discriminação racial temas de suas obras apontando-lhes as contradições e as consequências (Cuti, 2010, p. 25).

É com esse olhar de romper preconceitos que Conceição Evaristo constrói suas personagens, contextualizando nesses contos o cotidiano de cada uma delas. Os contos são construídos por nomes e sobrenome das suas protagonistas, tais como; *Olhos D'Água*, conto que faz relação ao título do livro; *Ana Davenga*; *Duzu-Querença*; *Maria*; *quantos filhos Natalina teve? Beijo na face*; *Luamanda*; *O cooper de Cida*; *Zaita esqueceu de guardar os brinquedos*; *Di lixão*; *Lumbiá*; *Os amores de Kimbá*; *Ei, Ardoça*; *A gente Combinamos de não morrer*; *Ayoluwa, a alergia de nosso povo*.

Dentre os 15 contos que compõem a obra *Olhos D'água* (2016), a análise deste trabalho se aterá ao conto intitulado *Ana Davenga*. Este retrata a dura realidade de moradoras de periferias, que sofrem com as mazelas do ambiente onde vivem.

O conto reflete com detalhes as relações amorosas e o empoderamento feminino. A voz narrativa conta a história de Ana, a protagonista do conto, trazendo também fundamentos sobre o meio social em que a história se passa. Embora seja uma narrativa ficcional, o conto simboliza histórias vivenciadas por mulheres de criminosos que vivem nas favelas de todo o Brasil.

Ana é uma mulher negra, envolvente, feliz. Ela é o desenho de uma mulher intensa que se apaixona por *Davenga*, personagem secundário que aparece no conto.

Assim, a primeira parte do conto narra a angústia de *Ana* que esperava a volta de seu homem, no barraco em que vivem no morro.

As batidas na porta ecoaram como um prenúncio de samba. O coração de *Ana Davenga* naquela quase meia noite, tão aflito, apaziguou um pouco. Tudo era paz então, uma relativa paz. Deu um salto da cama e abriu a porta, todos entraram, menos o seu. Os homens cercaram *Ana Davenga*. As mulheres, ouvindo o movimento vindo do barraco de Ana, foram também. De repente, naquele minúsculo espaço coube o mundo. *Ana Davenga* reconheceu a batida. Ela não havia confundido a senha. O toque de prenúncia de samba ou de macumba estava a dizer que tudo estava bem. Tudo em paz, na medida do possível. Um toque diferente, de batidas apressadas dizia de algo mau, ruim, danoso no ar. O toque que ela ouvira antes não prenunciava desgraça alguma. Se era assim, onde andava o seu, já que os das outras estavam ali? Por onde andava seu homem? Por que *Davenga* não estava ali? (Evaristo, 2016, p. 21-22).

Embora os batuques de samba na laje tragam paz, ela se sentia tensa em saber que ele não estava no meio daquelas pessoas que entrava em sua casa. O barraco onde viviam na favela era uma espécie de quartel general, pois era lá que *Davenga* articulava todas as suas façanhas junto com seus companheiros.

Nesse cenário confuso e apreensivo, a protagonista passa a recordar o dia em que conhece *Davenga* na roda de samba. Ao conhecê-la, Ana estava dançando e fazendo

movimentos macios com o corpo “Davenga gostou dos movimentos do corpo da mulher. Ela fazia um movimento bonito e ligeiro com a bunda” (Evaristo, 2016, p. 24).

Foi nesse dia que ele a desejou, ele queria que Ana fosse dele, na vida dele. Emocionado com a invasão desse sentimento, o homem relembra as mulheres que teve em sua vida. A mulher lhe trazia paz, e ao mesmo tempo sentia remorso pelos erros cometidos por ele, como ter mandado assassinar Maria Agonia, mulher que conheceu em visita a um amigo na cadeia, a qual rejeitou subir o morro e viver junto dele

Por mais que Ana Davenga se esforçasse, não conseguia atinar com o porquê da ausência de seu homem. Todos estavam ali. Isso significava que, por onde quer que Davenga estivesse naquele momento, ele estava só. E não era comum em tempos de guerra como aqueles, eles andarem sozinhos (Evaristo, 2016, p. 28).

Logo após imaginar onde se encontrava Davenga, a mulher supõe que ele se encontrava com problemas. O samba se inicia, o toque dos tambores era mesmo de samba, aquele momento era de celebração, mas Ana estava confusa. Ela lembra que estava esperando um filho dele, e começa ali mesmo alisar sua barriga, razão pela qual ela celebra.

O homem entra e Ana questiona onde ele estava, ele a interrompe dizendo que aquele era aniversário dela. Após a festa, os dois se deitam e trocam carícias. Prestes a praticarem o ato sexual, o casal é surpreendido com a porta violentamente se abrindo pela polícia.

Os policiais miram a arma para ele e Ana, o homem tenta pegar sua arma que estava debaixo de sua camisa, mas os policiais percebem seu movimento e começaram a disparar sobre eles. Ana morre na tentativa de proteger seu filho com a mão por cima de sua barriga.

Os noticiários lamentavam a morte de um dos policiais de serviço. Na favela, os companheiros de Davenga choravam a morte do chefe e de Ana, que morrera ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga. (Evaristo, 2016, p. 30)

Naquele momento, o botão de rosa dentro de uma garrafa de cerveja com água, que Davenga lhe presenteou, se abria.

A partir desse breve relato, pode-se dizer que o narrador em 3º pessoa, e de caráter onisciente, mostra que tem total conhecimento da história. Conforme a visão de D’Onofrio (2007) “o narrador se coloca atrás e acima das personagens, sabendo mais do que elas pelo simples motivo de que sabe tudo”. “As histórias e os feitos de Davenga vieram quentes e vivos em sua mente” (CONCEIÇÃO, 2016, p. 28). Isso confirma que “A neutralidade do narrador onisciente é apenas aparente, pois, por meio de elementos do já estudado aparelho formal da enunciação, são detectáveis indícios de seus critérios de valor” (D’ONOFRIO, 2007, p. 52).

O foco narrativo em 3º pessoa está direcionado a Ana e toda a situação que a cerca. No contexto, o narrador se apropria, por meio do discurso indireto, das vozes dos personagens, fazendo com que o leitor conheça os sentimentos das personagens, e o conflito dramático que passam em busca da sobrevivência. A história alterna entre a narrativa de Ana contado no presente, e a narrativa de Davenga contada no passado.

Um momento que sobressalta no conto é quando o narrador trata da descrição de Ana. Ele chama atenção para as características do seu corpo e os desejos que os homens que vivam junto de Davenga sentiam por ela. Porém, como Davenga era respeitado por todos na favela, todos sabiam que ele mataria qualquer um deles que desejasse sua mulher, e assim eles começam a ver Ana como irmã deles: “todos haviam aprendido a olhar Ana Davenga. Olhavam a mulher buscando não perceber a vida e as delícias que explodiam por todo o seu corpo” (EVARISTO, 2016, p. 22).

A personagem tem uma sensação de segurança dentro de uma zona de perigo, “Ana sabia bem qual era a atividade de seu homem. Sabia dos riscos que corria ao lado dele. Mas achava também que qualquer vida era um risco e o risco maior era o de não tentar viver”. (EVARISTO, 2016, p. 26). Esse sentimento de segurança da personagem diante desse cenário, é o que D’Onofrio caracteriza como espaço atópico e tópico: “espaço tópico é o espaço conhecido, onde se vive em segurança. O espaço atópico é o espaço de sofrimento e de luta” (D’ONOFRIO, 2007, p. 83). Assim, mesmo vivendo a história com Davenga, a personagem sabia que a qualquer hora algo ruim poderia acontecer, pois viviam em uma favela cercada de perigos. Contudo, Ana sentia-se segura, segura de que nada poderia acontecer naquele momento, e segura pois era confiante em si e em seu marido, seu único medo era o de não viver o momento.

Em referência ao tempo, o conto apresenta o cronológico “o coração de Ana Davenga naquela quase meia noite, tão aflito, apaziguou um pouco” (EVARISTO, 2016, p. 21). Alternando também com flashbacks, pois a história se inicia pelo meio e, conforme a leitura se desenrola. O narrador posiciona as personagens, caracterizando cada uma delas e nos apresenta o que seria o início do conto. Com a chegada dos comparsas de Davenga, inicia-se aí uma apresentação da história atual de Ana, seguido de *flashbacks* do passado de Davenga e a história dos dois e como se conheceram. O narrador segue assim, alternando os momentos da história.

### **3.1 ANA DAVENGA: O RETRATO DA MULHER NEGRA**

Ana não é descrita no conto como negra, porém, conforme o desdobrar da narrativa e o contexto onde se passa a história, podemos deduzir que ela apresenta traços afros, pois as

características a respeito da personagem revelam que é moradora de favela, onde os habitantes são, em sua maioria, são negros.

Outras marcas caracterizadoras de Ana, como a dança e os movimentos corporais sensuais, revelam que a personagem é negra. Segundo Evaristo (2009), quando se constrói personagens negros na literatura afro-brasileira, as autoras valorizam principalmente as heranças culturais trazidas pelos negros escravizados. E ao construir essa personagem, a autora prezou esses traços vindo de uma mulher africana.

Assim, no conto não somos informados do passado da personagem, nem de como era sua vida antes de conhecer Davenga. A personagem é apresentada na roda de samba onde conheceu seu homem, no momento de sua ida ao banheiro. Na narrativa, somos apresentados aos traços corporais de Ana, um corpo erótico, uma mulher sensual, que o usa para transmitir sentimento e liberdade. Além disso, por meio da dança, ela se satisfaz, fica entusiasmada com aquele momento que não nota os olhares de desejo de Davenga. O corpo de Ana nesse contexto é o oposto do que Evaristo (2009) argumenta sobre as personagens construídas por autores brancos, as quais são caracterizadas por eles como uma mulher vulgar e até mesmo pornográfica.

A personagem, apesar de ser caracterizada com um corpo sensual, também representa erotismo em suas escolhas, como, por exemplo, viver com um homem criminoso, sem temer os perigos daquela vida, mesmo tendo consciência dos preconceitos sociais que poderia passar. Apesar disso, Ana adota o nome de seu homem, sendo chamada de Ana Davenga, demonstrando, assim, autoconfiança, autonomia em suas escolhas e uma mulher empoderada, que busca viver a vida sem medo dos riscos.

Ana também era uma mulher sonhadora, que desejava construir sua família, por mais que Davenga fosse bruto, nunca cometeu agressão contra ela. Porém, Ana achava normal viver sob tensão e as opressões que vivia.

Ela não estranhava nada. Muitas vezes, Davenga mandava que ela fosse entregar dinheiro ou coisas para as mulheres dos amigos dele. Elas recebiam as encomendas e mandavam perguntar quando e se seus homens voltariam. Davenga às vezes falava do regresso, às vezes, não. Ana sabia bem qual era a atividade de seu homem. Sabia dos riscos que corria ao lado dele (Evaristo, 2016, p. 26).

Nesse sentido, a personagem é apresentada como uma mulher empoderada e corajosa, que sabe dos riscos que a vida com Davenga pode lhe trazer, mas que ao mesmo tempo se mostra uma mulher submissa por tentar agradar seu marido, submetendo-se a participar de forma indireta das ilegalidades cometidas pelo grupo de Davenga.

Ana, por ser esposa do chefe, ajudava as esposas dos outros comparsas. Neste contexto, também se mostra como uma guerreira ao cuidar das características próprias das mulheres negras que se unem para diminuir as dificuldades e necessidades enfrentadas.

Portanto, a exclusão dessas mulheres negras que vivem em favela as margens da sociedade, submetem-se a uma vida de risco como uma forma de sobrevivência e de procurar o seu espaço. Ana é claramente uma alusão a todas essas personagens que demonstra de forma clara o dia a dia das mulheres negras marginalizadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As personagens negras são retratadas na literatura como minoria, sofrem preconceito e são muitas vezes excluídas do contexto literário. Quando descritas em uma obra feita por autores canônicos, essas personagens se constituem como meros figurantes. Assim, a imagem da mulher negra na literatura, é marginalizada, seu corpo é como um objeto sexual e vulgar, são tratadas como escravas e nunca ganham papel principal em uma obra.

Diante disso, a literatura contemporânea, principalmente a literatura afro-brasileira, com autoras negras que constroem suas obras diante o cenário vivenciado, rompe esse preconceito, fazendo de seus textos críticas sociais, e trazendo para a literatura as riquezas da afro-brasilidade nunca descritas nos textos canônicos.

Dessa maneira, essas personagens trazidas por Conceição Evaristo são mulheres negras que vivem em um cenário de violência e discriminação. A literatura afro-brasileira constrói um contexto de denúncias, dando a voz para diversos grupos étnicos, como as mulheres negras. Ao representar esses grupos étnicos, e retratar sobre as condições vividas pelos afrodescendentes, consequentemente, da mulher negra, a literatura faz com que o leitor reflita sobre as situações da população negra e de como eles são incluídos na sociedade e, principalmente, quanto ao resgate histórico que essas escritoras empregam.

Portanto, a literatura quando produzida, e protagonizada principalmente por mulheres e, ainda, negras tende a valorizar esse povo étnico, fazendo com que o leitor analise essa mulher negra diferente da representação que lhes foi dada na literatura brasileira canônica.

## REFERÊNCIAS

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010. (Coleção consciência em debate/coordenada por Vera Lúcia Benedito).

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo. **Estudos de literatura brasileira contemporâneo**, n. 26, p. 13-71, 14 1 2011.

\_\_\_\_\_. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado.** Rio de Janeiro: Horizonte/UERJ, 2012.

DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. **Navegações, Porto Alegre**, v. 6, n. 2, p. 146-153, jul/dez 2013.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, p. 17-31, 2009.

\_\_\_\_\_. **Olhos D'agua.** 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

MONTEIRO, Liliane Nogueira. A representação da mulher negra na literatura brasileira. **Anais do Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Ocidental.** Acre, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/>>. Acesso em: 28 set. 2018.

SANTOS, Célia Regina dos; WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. Literatura de autoria minorias étnicas e sexuais. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas.** 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. cap. 19, p. 337-352.

*Recebido em: 29/11/2023*

*Aprovado em: 25/02/2024*

*Publicado em: 24/06/2024*



10.29281/r.decifrar.2024.1a\_12